



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR


Vol. I (2000)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Om Prakash. 1998. European commercial enterprise in pre-colonial India. vol. II. 5. The New Cambridge History of India, Gordon Johnson (General editor), C. A. Bayly e John F. Richards (Associate editors), Cambridge University Press, Cambridge, 378 pp. (+ gráficos, mapas, quadros, índice analítico) [recensão]

Jorge Flores 

Como Citar | How to Cite

Flores, Jorge. 2000. «Om Prakash. 1998. European commercial enterprise in pre-colonial India. vol. II. 5. The New Cambridge History of India, Gordon Johnson (General editor), C. A. Bayly e John F. Richards (Associate editors), Cambridge University Press, Cambridge, 378 pp. (+ gráficos, mapas, quadros, índice analítico) [recensão]». *Anais de História de Além-Mar* I: 467-469.
<https://doi.org/10.57759/aham2000.46996>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2000. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2000. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

e nos capítulos de Chaudhuri em particular, há que fazer a crítica, até porque tantas incorrecções tornam esta obra pouco recomendável – quem a ler pode adquirir, sem dúvida, algumas noções certas, mas não ficará com uma visão global da evolução dos acontecimentos que proporcionaram a formação do império, nem ficará desperto para os modelos de análise que se desenvolveram nos últimos tempos e que enriqueceram consideravelmente a historiografia sobre o processo expansionista; além disso, poderá ter como certos uma série numerosa de erros grosseiros, como os que enumerámos nestas linhas.

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA
Centro de História de Além-Mar
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

OM PRAKASH – *European commercial enterprise in pre-colonial India*, vol. II.5. *The New Cambridge History of India*, Gordon Johnson (General editor), C. A. Bayly e John F. Richards (Associate editors), Cambridge University Press, Cambridge, 1998, 378 pp. (+ gráficos, mapas, quadros, índice analítico).

Esta obra de Om Prakash sobre a empresa comercial europeia na Índia entre os séculos XVI e XVIII constitui um dos trinta e um volumes, previstos ou já publicados, que dão forma à *The New Cambridge History of India*. O projecto, coordenado por três especialistas da Ásia do Sul, divide-se em quatro partes e conta com um volume dedicado à expansão portuguesa na Índia, a cargo de M. N. Pearson (*The Portuguese in India*, 1987; trad. port. Teorema/O Jornal, 1990).

Trata-se de produzir uma obra de grande fôlego, no trânsito do século XX para o seguinte, capaz de ultrapassar a original *Cambridge History of India*, publicada em cinco volumes entre 1922 e 1937. Esta, como é natural, não resistiu à erosão do tempo, tanto mais que haveria de nascer entretanto um país que já completou meio século e que logrou gerar uma verdadeira plêiade de historiadores. Neste novo projecto, a ordenação cronológica cedeu o lugar, com vantagem, ao critério temático: os diferentes volumes, cada um deles confiado a um só especialista, partilham com frequência a mesma época, ainda que observando-a de ângulos diversos e submetendo-a a diferentes questionários. O livro que aqui se aprecia é um dos sete volumes que compõem a parte II: *Indian states and the transition to colonialism*.

Om Prakash é professor na prestigiada Delhi School of Economics, Universidade de Deli. Especialista de história económica da Índia no período pré-colonial, este historiador tem estudado com rigor o envolvimento dos Holandeses na Ásia do Sul nos séculos XVII-XVIII, uma aprendizagem que iniciou há mais de trinta anos e que faz dele um dos mais profundos conhecedores do *Algemeen Rijksarchief* (Haia) e da documentação produzida pela *Verenigde Oost-Indische Compagnie* (VOC)¹. Ainda assim, Prakash não tem descurado as relações com outros historiadores europeus e outras escolas interessadas na

¹ Entre as suas obras mais importantes, ver *The Dutch East India Company and the economy of Bengal, 1630-1720*, Princeton, 1985; *Precious metals and commerce: The Dutch East India Company in the Indian Ocean Trade*, Londres, 1994; *Asia and the Pre-Modern World Economy*, Leida, 1995.

história da Índia, como atestam as suas ligações a França, a Inglaterra e até a Portugal, onde participou em vários seminários nos últimos anos.

O livro abre com uma visão global da Índia no contexto da vida comercial do Oceano Índico à roda de 1500, que podia ser mais analítica. Segue-se uma síntese competente e informada sobre os Portugueses na Índia até 1640. Prakash destaca aqui o carácter evolutivo da empresa portuguesa e, para lá de tratar um conjunto de tópicos relevantes a propósito do comércio euroasiático no quadro da rota do Cabo, dedica particular atenção ao comércio intrasiático e às questões mais estreitamente associadas a esse fenómeno, a saber: as relações com os mercados locais, o alcance da presença informal portuguesa na Ásia, o papel dos cristãos-novos nos negócios ultramarinos, etc.

O tema nuclear do volume ocupa os restantes seis capítulos. Trata-se de esmiuçar o envolvimento das companhias de comércio europeias na Índia e, bem assim, avaliar o respectivo impacto nas economias locais. O grosso das reflexões são feitas em torno dos dois casos mais importantes: a VOC, que dominou boa parte do século XVII e que o autor conhece bem, apesar de lamentar com acerto a inexistência de um estudo de conjunto sobre a sua actividade; e a *East India Company* (EIC), cuja hegemonia coincide com o século XVIII e que é aqui reconstituída a partir dos trabalhos de K. N. Chaudhuri, mas também das contribuições de Peter Marshall, Ian Bruce Watson e outros. Todavia, Om Prakash não deixa de pôr em evidência as actividades de um conjunto de casos secundários suficientemente importantes, de que interessa destacar as companhias francesa e dinamarquesa.

European commercial enterprise in pre-colonial India assenta na análise de um conjunto de assuntos-chave: estrutura da produção, produtos e eixos de comércio, mercados e preços, circulação de metais preciosos, sistemas de crédito, sistemas monetários. Muito interessante o tratamento das cidades marítimas cuja génese e evolução é indissociável das companhias de comércio europeias: Madrasta, Bombaim e Calcutá. Essencial, também, atentar nas diversas fisionomias dos mercados locais, na sua relação com os negócios europeus e a extraordinária pujança do comércio intrasiático. E é imprescindível ler com particular atenção as muitas páginas dedicadas ao comércio particular, e clandestino, desenvolvido pelos ocidentais na Ásia marítima.

O livro de Om Prakash ajuda a relativizar algumas ideias que se tinham por certas a propósito das grandes companhias de comércio do norte da Europa. Põe de algum modo em causa a consagrada construção de Steensgard sobre a revolução do comércio asiático, mostrando que nem a empresa portuguesa era totalmente redistributiva nem as empresas que se lhe seguiram eram inteiramente criativas. Ainda neste contexto, o autor dá uma outra visão da relação entre as companhias europeias e as economias asiáticas, vincando, não sem ironia, o pânico com que a indústria europeia reagiu à invasão de têxteis indianos nos séculos XVII-XVIII: «such perceived threats of a “deindustrializing” Europe in response to the invasion by Indian textiles, however, makes one wonder as to which, between northwestern Europe and south Asia in the early modern period, was the “core” and the “periphery”».

Todavia, há assuntos que pediam tratamento mais profundo, como o papel dos grupos que actuavam na intersecção das companhias europeias com as economias locais: os arménios, à cabeça de todos, mereciam outro destaque. E, como se torna necessário conhecer o fenómeno em todas as suas dimensões, importaria ponderar o papel de comunidades mais discretas, mas nem por isso pouco relevantes. É o caso dos gregos.

Teria sido igualmente interessante olhar a vida material da Índia no período considerado sob a perspectiva do *cross-cultural trade*, tal qual o definiu Philip Curtin. Por outro lado, sempre que procura complementar os estudos com o testemunho das fontes, Om Prakash parece privilegiar a documentação de arquivo em detrimento dos textos narrativos. E um olhar mais atento ao testemunho dos viajantes europeus pela Índia dos séculos XVI-XVIII permitiria ir mais longe no que respeita, por exemplo, ao comércio de diamantes.

Considerado na sua globalidade, o livro de Om Prakash inscreve-se na reflexão mais ampla acerca do nascimento do capitalismo moderno e da problemática da «economia-mundo» (Wallerstein). Contudo, trata-se de uma obra que interessará também a quem não nutre particular interesse pela história económica, tanto mais que a quantificação – apresentada através do recurso a um conjunto muitíssimo claro de quadros e gráficos – não é um exercício gratuito, antes põe a tónica nas implicações políticas e sociais dos ritmos da vida material.

A segunda metade do século XVIII, correspondendo a uma importante cesura na história da Índia, constitui a fronteira cronológica do livro de Om Prakash. É justamente nesse momento, mercê de um conjunto de alterações, que a Índia entra na fase colonial. Do ponto de vista político, o início da dominação inglesa é marcado pela tomada de Surat em 1759 e pela «domesticação» do Bengala entre 1757 e 1765. No plano económico, a transformação detecta-se na natureza das trocas, dado que a pimenta e as restantes especiarias vão cedendo o lugar aos têxteis, à seda crua e ao ópio. Mas anuncia-se sobretudo na alteração da tipologia das relações entre, de um lado, os poderes europeus e, do outro, os artesãos e os mercadores indianos. É que as regras do mercado cedem o passo à pura dominação, num quadro em que a Revolução Industrial e a afirmação de uma potência verdadeiramente colonial haveriam de pôr termo à «idade da colaboração» (Holden Furber) ou, como outros preferem, à «idade do conflito contido» (Sanjay Subrahmanyam) na história das relações Europa-Ásia.

A obra encerra com uma boa bibliografia comentada, onde não se detectam muitas lacunas. Mas, à distância de dois anos, é lícito acrescentar alguns trabalhos entretanto publicados. Falamos dos livros de Glenn Ames², Michel Morineau³ e, sobretudo, da «rival» *Oxford History of the British Empire*⁴.

European commercial enterprise in pre-colonial India merecia, em suma, uma edição portuguesa. Mas teria de ser mais cuidada do que a do livro de Pearson.

JORGE MANUEL FLORES
Universidade de Aveiro

FRIEDRICH EDELMAYER, BERND HAUSBERGER & MICHAEL WEINZIERL (orgs.) – *Die Beiden Amerikas. Die Neue Welt unter kolonialer Herrschaft*, Francoforte no Meno, Brandes & Apsel-Südwind, 1996, 224 pp.

A historiografia de expressão alemã continua a ser em grande parte desconhecida entre o público português, e nem sequer aquelas obras que, pelo seu tema, mais se aproximam dos territórios explorados por historiadores que se dedicam ao estudo do Portugal da época moderna, têm suscitado algum interesse. E no entanto, todos os anos surgem estudos que importa ter em conta, não só pela originalidade e novidade das perspectivas que apresentam, mas também porque representam, muitas vezes, um assinalável esforço de síntese. É isso, precisamente, o que acontece no volume *Die Beiden Amerikas*.

² Glenn J. AMES, *Renascent Empire: Pedro II and the quest for stability in Portuguese Asia, ca. 1640-1683*, Amesterdão, 2000.

³ Michel MORINEAU & Sushil CHAUDHURY (eds.), *Merchants, Companies and trade: Europe and Asia in the early modern era (studies in modern capitalism)*, Cambridge, 1999.

⁴ William Roger LOUIS *et al.* (eds.), 5 volumes, Oxford, 1997-1999.